



EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO FERRAMENTA PARA A CONSTITUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE COLETIVOS

Relato de experiência: Educação Ambiental no Ecoparque Cacimba da Saúde

*Por Shirley da Silva Matias¹
Simone do Valle Leone Peinado²*

O presente relato trata das atividades de Educação Ambiental (EA) desenvolvidas no Ecoparque Municipal Cacimba da Saúde, em Corumbá-MS, durante o período de maio de 2009 a dezembro de 2010. Todas as atividades tiveram vínculo com a Prefeitura Municipal de Corumbá, por meio no núcleo de Educação Ambiental da Secretaria Executiva de Meio Ambiente.

As atividades aqui apresentadas foram desenvolvidas principalmente com a comunidade moradora no entorno, com a Escola Municipal Tilma Fernandes Veiga, do bairro Cervejaria e com o grupo de mulheres que compõem o Projeto Fibras, desenvolvido pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, em parceria com a Prefeitura Municipal de Corumbá. Essa experiência proporcionou maior entendimento sobre as funções do educador ambiental, seu papel na sociedade, trouxe aprendizado técnico e também possibilitou conhecer e vivenciar na prática a teoria e os conceitos da Educação Ambiental.

O Ecoparque Cacimba da Saúde está localizado no bairro Cervejaria, próximo ao rio Paraguai e às margens do Canal do Tamengo, lugar de beleza ímpar e de grandes possibilidades turísticas. O local é utilizado para lazer pelas crianças e moradores do bairro e imediações. Porém, observou-se que, infelizmente, no que diz respeito ao meio ambiente, os frequentadores do parque não demonstravam ter o mínimo de consciência, pois tinham por hábito a matança de pássaros e outros animais silvestres que por ali habitam, a quebra de árvores e o descarte do lixo de maneira inadequada. População carente, sem nenhuma informação. Sustentabilidade? O que é isso?

¹ Mestre em Geografia, professora na rede estadual de ensino de Dourados/MS, ss.matias@hotmail.com.

² Mestre em Ensino de Ciências, professora da rede municipal de ensino de Corumbá/MS.



Não eram raras as crianças transitando pelo parque carregando o seu estilingue, mirando em todas as aves que pelo céu cruzassem. Houve um dia em que colocaram um periquito morto na porta de entrada de uma das salas da sede do parque. Aos poucos as atividades foram desenvolvidas e uma relação com a comunidade foi se estabelecendo. Não foi fácil, mas depois de aproximadamente uns seis meses de muita conversa e palestras na escola, já não se viam mais as crianças com estilingue nas mãos e nem subindo nas árvores, que cresceram e até deram flor. O lixo esparramado pelas ruas diminuiu, mas não acabou.

O contato com a escola do bairro também foi um ponto fundamental para que uma mudança começasse a aparecer. Em períodos pontuais, como a Semana da Água, Semana do Meio Ambiente, Dia da Terra e Dia do Rio Paraguai, foi possível montar uma parceria e promover palestras, exibição de filmes e realização de oficinas com os alunos, geralmente dos anos iniciais – 2º ao 5º ano. Quase todas as crianças da escola são moradoras do bairro e frequentavam o Ecoparque durante o contraturno das aulas. Com o grupo de mulheres que participavam do Projeto Fibras as atividades eram realizadas com mais frequência e a sensibilização e conscientização ambiental eram inseridas diariamente em conversas informais, oficinas, palestras e os filmes do Circuito Tela Verde, seguido de discussões com donas de casa e pescadoras, com idade entre 30 e 65 anos.

Entre os problemas relatados com frequência pelas moradoras, o que mais incomodava era o lixo pelas ruas. Embora o bairro recebesse o serviço de coleta três vezes por semana, ainda assim havia lixo descartado de forma indevida e esparramado por toda parte. Por estar localizado em uma região de encostas, algumas casas estavam instaladas em ladeiras íngremes e ruas estreitas, dificultando a entrada do caminhão de coleta. Para amenizar a situação foi implantado pela Secretaria Executiva de Meio Ambiente o projeto-piloto “Agentes Ambientais Comunitários”, que tinha como atividade principal levar informação a respeito dos problemas gerados pelo lixo e ensinar a fazer o descarte de forma correta, além de

transportar os resíduos embalados das residências às quais o caminhão não tinha acesso para os locais de coleta. Foram contratados cinco agentes, entre homens e mulheres, todos moradores da comunidade, que durante duas semanas foram capacitados por profissionais da área de saúde, meio ambiente e assistência social, para que pudessem trabalhar e orientar a comunidade de maneira correta, levando as informações diariamente, porta a porta, para todas as famílias do bairro. Algumas mudanças aos poucos foram aparecendo, mas acreditamos que seria necessário ainda mais alguns anos para que houvesse realmente uma transformação dos hábitos de toda a comunidade.



Exibição de filme e oficina com alunos da E. M. Tilma Fernandes Veiga. Fotos: Shirley Matias



Atividade com o grupo do Projeto Fibras e palestra com a comunidade do bairro Cervejaria. Fotos: Shirley Matias